

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Camila Garcia Silva

A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: considerações
sobre o lúdico na formação da criança

**Paranaíba, MS
2016**

Camila Garcia Silva

**A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: considerações
sobre o lúdico na formação da criança**

Monografia apresentada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba como requisito para obtenção do título de Especialização em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio de Souza

**Paranaíba, MS
2016**

S5791

Silva, Camila Garcia

A literatura infantil e a contação de histórias: considerações sobre o lúdico na formação da criança / Camila Garcia Silva. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

38 f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio de Souza.

Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Literatura Infantil. 2. Contação de Histórias. I. Silva, Camila Garcia. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação. III. Título.

CDD – 809.89282

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira - CRB1º/1783

CAMILA GARCIA SILVA

A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: considerações
sobre o lúdico na formação da criança

Monografia apresentada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba como requisito para obtenção do título de Especialização em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Antonio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Me. Bruno de Oliveira Ribeiro
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Profª. Me. Lucinéia Silva de Freitas
SED – Secretaria de Educação de Paranaíba/MS

Paranaíba - MS, ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Ao concluir mais esta etapa, lembro-me de muitas pessoas a quem ressalto reconhecimento, pois, esta conquista concretiza-se com a contribuição de cada uma delas, seja direta ou indiretamente. No decorrer dos dias, vocês colocaram uma pitada de amor e esperança para que neste momento findasse essa etapa tão significativa para mim.

Primeiramente, à Deus por ter me dado uma família, saúde, força e fé para lutar e vencer todos os obstáculos e avançar com meus objetivos dentre eles este trabalho está incluso.

Aos meus pais, Ronaldo e Cléide por incentivarem-me na constante busca pelo conhecimento, inculcando valores sem os quais jamais teria me tornado essa pessoa que sou hoje.

À meu irmão Ronan que apesar de todos nossos conflitos e diferenças, obrigada pela amizade e o apoio em todos momentos da minha vida.

Às minhas amigas Rita, Bianca e Lara com as quais pude desfrutar momentos de descontração, aprendizado, motivação e amizade. Obrigada por torcerem por mim e me incentivarem não só na vida profissional, mas em todos os assuntos.

À minha amiga, eterna professora Andréia pelos momentos compartilhados, pelas ajudas infinitas, pela paciência, carinho, obrigada pela amizade que se iniciou de forma singela e que hoje se faz muito importante na minha vida e tenho certeza que será mais longos anos de amizade sincera e fiel para vida toda.

A todos os professores do curso de Especialização em Educação, que durante esse ano de curso foram tão importantes na minha vida profissional e acadêmica.

Aos amigos e colegas de curso pelo incentivo, pelo apoio constante, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas.

Ao meu orientador José Antonio pela aceitação do meu projeto e orientação.

À Prof^a. Me. Lucinéia Silva de Freitas e ao Prof. Me. Bruno de Oliveira Ribeiro que gentilmente aceitaram o convite para compor a minha banca.

Enfim à todos que contribuíram para que eu pudesse subir mais esse degrau na vida e não canso de agradecer. Muito obrigada!

“Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!”

(Fanny Abramovich)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo contribuir com a prática pedagógica dos professores de Educação Infantil – mediante pesquisa bibliográfica, nos pautando nos estudos de Sônia Kramer (2007), Magda Soares (1999), Abramovich (2003), Kohl (1998), Lajolo e Zilberman (2010), entre outros. Nesse aspecto, pode-se observar a importância da leitura de literatura infantil para o desenvolvimento das funções superiores, a partir da contação de história, sendo este um recurso imprescindível a prática do professor, pois permite as crianças terem acesso lúdico ao livro, a história e assim, de forma criativa oportuniza as crianças a se tornarem leitores. Mediante as leituras críticas realizadas, verificou-se que a infância e a literatura infantil no Brasil surgem na mesma época, impulsionadas pelas mesmas problemáticas de ordem social, econômica, política e cultural, e que a literatura infantil estética é de suma importância para o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo a alfabetização e o letramento. Além disso, percebemos que o professor como mediador precisa remodelar a sua prática e favorecer o contato das crianças com os livros de literatura infantil na educação infantil de forma prazerosa e tendo objetivo de inseri-los na cultura letrada de modo que tenham capacidade crítica e autônoma. Com os estudos, foi constatado que a introdução da literatura infantil, contação de história lúdica, favorece o estímulo ao processo ensino-aprendizagem, conhecimento, formação de crianças leitoras e que leiam por prazer e não por obrigação. Acredita-se que a pesquisa poderá contribuir com a ampliação e reflexões de estudos e pesquisas sobre a prática pedagógica dos professores da Educação infantil respaldada na contação de história do gênero literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Educação Infantil. Contação de História. Lúdico.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the pedagogical practice of Early Childhood Education teachers - through literature, guiding us in the study of Sonia Kramer (2007), Magda Soares (1999), Abramovich (2003), Kohl (1998), Lajolo and Zilberman (2010), among others. In this respect, one can see the importance of children's literature reading for the development of higher functions, from the storytelling, which is an essential feature the practice of teacher, because it allows children to have recreational access to the book, the story and thus creatively gives opportunity to children to become readers. By criticism performed readings, it was found that children and children's literature in Brazil arise at the same time, driven by the same problems of social, economic, political and cultural, and aesthetic children's literature is of paramount importance for the development full of children, promoting literacy and literacy. Also, realize that the teacher as mediator must reshape their practice and promote the contact of children with children's literature books in early childhood education in a pleasant way and taking aim to enter them in literacy so that they have critical capacity and autonomous . With the studies, it was found that the introduction of children's literature, storytelling playful history favors encouraging the teaching-learning process, knowledge, education of children and readers read for pleasure and not by obligation. It is believed that the research could contribute to the expansion and reflections of studies and research on the pedagogical practice of child supported education teachers in the storytelling of the literary genre.

KEYWORDS: Children's Literature. Child Education. Story-History. Playful.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A INFÂNCIA E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
2. LITERATURA INFANTIL: um mundo de sonhos, imaginação e aprendizagem	23
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UM INSTRUMENTO PARA PRÁTICA EDUCATIVA	29
3.1. Relatos de Experiência: vivências iniciais com a contação de história na educação infantil	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Minha formação acadêmica, no ensino superior, iniciou-se em 2009, quando iniciei o curso de Pedagogia, que foi realizado pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba. A graduação foi de suma importância na minha formação, na medida em que me ofereceu aporte para ampliação de conhecimentos na área da educação.

O papel exercido pelos professores nas variadas disciplinas da graduação foram fundamentais para o meu crescimento profissional e para o incentivo em buscar novos conhecimentos. No período da graduação me interessei por cursos de formação continuada relacionados com a família e a escola, onde se originou o tema do meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “Interação entre Família e Escola: contribuições para o desenvolvimento do aluno frente à expansão da indústria cultural”.

Em 2015, iniciei minhas atividades na docência como professora de educação infantil, com o incentivo de uma professora da graduação, ministrando aula na sala de Jardim III¹ na Escola Municipal “Profª Liduvina Motta Camargo”, antes disto nunca havia tido nenhum emprego relacionado à educação, trabalhei por seis anos como secretária em uma empresa de empréstimos consignados. Em agosto do mesmo ano, me inscrevi para o processo seletivo do concurso público da Prefeitura Municipal de Paranaíba – MS, no qual fui aprovada e agora faço parte do quadro de efetivos do município como professora de educação infantil.

Ingressei no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba em março de 2015. Optei realizar este curso para aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos na graduação.

O meu interesse pelo tema abordado neste trabalho advém da minha própria prática como professora, compreender como a contação de história pode contribuir para a formação de alunos leitores, alfabetizados e letrados. Em meu dia-a-dia vejo o quanto é importante essa relação de troca entre professor/aluno/livro, e as aulas por meio do lúdico vem sendo mais proveitosas, mais significativas em relação ao processo de ensino-aprendizagem em minha prática pedagógica, por isso, surge este interesse em pesquisar um pouco mais sobre a contação de histórias, o lúdico, literatura infantil para contribuir não só com a minha prática, mas também de outros professores.

¹ Sala de aula para alunos com idade de cinco anos.

Os estudos sobre literatura e literatura Infantil estão em evidência na sociedade atual, assim como a produção e disseminação de textos, livros que precisam de leitores competentes para que possam fazer uma boa leitura com interpretação e compreensão suficiente para desvelar o mundo que os cerca, ler para além das linhas.

A leitura tem o poder de transformar o leitor em um cidadão capaz de interpretar e compreender os vários modelos de textos dos mais variados gêneros textuais colaborando para formação e autonomia do leitor nessa sociedade letrada, no qual estamos vivendo. Permeados por essa sociedade, em que, cada vez mais, as trocas sociais se dão por meio da leitura e, conseqüentemente da escrita.

Dessa forma, faz-se necessário que o professor busque meios para sua prática pedagógica, e assim contribua com o desenvolvimento integral dos alunos, tornando os sujeitos letrados, para poderem se valer da leitura e escrita de forma autônoma, crítica e reflexiva.

Diante dos vários desafios que a instituição escolar/professor enfrenta, como: falta de material, de estrutura física, formação dos professores, salário, violência, indisciplina, entre outros, está o de inserir as crianças na cultura letrada, de modo a incentivá-los e habituá-los a se tornarem leitores assíduos, porém, para que isso aconteça é necessário que o professor esteja empenhado e convicto de que a leitura é extremamente importante para o desenvolvimento social, cultural, emocional, cognitivo dos alunos.

Sendo assim, a leitura deve ser iniciada desde o lar e trabalhada na Educação Infantil, como um meio para enriquecer o aprendizado na fase de alfabetização e do letramento, além de ser uma ótima fonte de conhecimento e propiciadora do desempenho intelectual dos alunos. A leitura deve ser trabalhada continuamente na rotina da Educação Infantil, com textos ricos em qualidade estética e vários livros de literatura infantil; nota-se, atualmente, que há uma necessidade dos professores usarem de metodologias - formas/maneiras/atividades que estimulem e façam despertar o prazer de ler nas crianças. Assim, a contação de história é um recurso valioso.

O lúdico na Educação Infantil tem sido um ótimo meio de ligação da leitura com o aluno, tornando as aulas de literatura infantil mais prazerosas e menos cansativas. O lúdico, o brincar, está cada vez mais presente no meio escolar, e é por meio deste que o aluno cria sua própria história, imagina, fantasia, sonha e é assim que a leitura vem conquistando mais adeptos.

Bamberger (2000, p. 92) enfatiza que “O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora [...]”.

E por meio da leitura vários caminhos são abertos aos alunos acarretando em novos conhecimentos, informação e o pensar crítico, além de abrir horizontes para as descobertas, fantasias, emoções, contribuindo para o desenvolvimento de uma melhor percepção do mundo. Contudo, é preciso que seja organizado todo um trabalho educativo interagindo com professores as suas práticas pedagógicas, buscando por materiais de qualidade, bons modelos de leitores e práticas lúdicas de leitura que envolvam os alunos. Nesse sentido, para o desenvolvimento da temática, elegemos a contação de história como um instrumento, recurso imprescindível para prática pedagógica dos professores da educação infantil, no que tange a formação dos leitores infantis.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que a leitura é essencial para o desenvolvimento integral e humano do ser humano, mas não é qualquer leitura, é a leitura que emancipa e que transforma. Partindo daí surgiram algumas questões norteadoras da pesquisa: Como contribuir com a formação integral das crianças por meio da leitura de literatura infantil? Quais as contribuições da literatura infantil para as crianças da educação infantil? Qual a importância da contação de história para prática pedagógica dos professores da educação infantil? Qual a importância de incentivar a leitura de literatura infantil na infância? Quais as contribuições da contação de história para o desenvolvimento infantil?

Diante dos questionamentos mencionados, a pesquisa objetiva, em aspecto geral, contribuir com a prática pedagógica dos professores de Educação Infantil.

E em aspectos específicos:

- Averiguar a importância da literatura infantil para a formação da criança;
- Apresentar a contação de história como recurso pedagógico para prática docente.
- Incentivar a contação de história de literatura infantil como recurso lúdico e favorecedor do desenvolvimento integral das crianças;

Assim, optamos em desenvolver uma pesquisa bibliográfica, nos respaldando teoricamente nos estudos de Fanny Abramovich (2003), Sonia Kramer (2002), Zilberman (1998), Postman (1999), Lajolo e Zilberman (2010), Vygotsky (1996), Magda Soares (2003), Ariès (1980) entre outros. Nesse aspecto, no primeiro capítulo, intitulado “Infância e o Lúdico na Educação Infantil” discorreremos, com ajuda de teóricos, os aspectos históricos sobre a

infância e a criança, bem como reflexões sobre a alfabetização e o letramento, o lúdico e o brincar no ambiente escolar como meio para o processo de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo, intitulado “Literatura Infantil: um mundo de sonhos, imaginação e aprendizagem” será apresentado como a leitura de literatura infantil pode beneficiar o professor para o bom desempenho no processo de desenvolvimento dos alunos, apresentando-os a literatura infantil como meio para o conhecimento tanto social, cultural e de mundo.

E, por fim, o terceiro capítulo, intitulado “A Contação de História como um Instrumento para Prática Educativa” abordará como a contação de histórias como prática pedagógica, tanto para o desenvolvimento do aluno, quanto para formação de bons leitores nessa sociedade cada vez mais textual.

1. A INFÂNCIA E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este primeiro capítulo tem como base retratar brevemente a infância e a ludicidade como surgiu e até os dias atuais, como se dava essa relação dos pais, filhos e professores, para que possamos compreender a infância como parte fundamental para o desenvolvimento da alfabetização e letramento, conseqüentemente a formação do leitor e para isso necessita-se pesquisar algumas referências históricas de infância e sua atual condição, bem como o lúdico.

O termo infância é muito discutido por teóricos como, Fanny Abramovich (2003), Sonia Kramer (2002) que discute a infância como uma categoria social e humana e que segundo a autora a idéia de infância surge no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil, graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais. Ariès (1981) menciona que a descoberta da infância surgiu no século XIII, mas que a importância quanto ao seu desenvolvimento tornaram significativos foram no fim do século XVI e durante o século XVII, e a ideia de infância não era um fato que sempre existiu e era tratada da mesma forma. Postman (1999) considera que a infância é uma das grandes invenções da Renascença², e que a mesma é uma estrutura social e condição psicológica, surgiu por volta do século XVI e a partir de então vem se modificando e se refinada e fortalecida até os dias atuais, entre outros que se dedicaram a expor, refletir e falar sobre a infância, desenvolvimento, alfabetização, letramento, etc.. Sendo assim, para uma questão o que é infância? Conforme o Dicionário Michaelis (2012) a definição de infância é,

1 Período da vida, no ser humano, que vai desde o nascimento até a adolescência; meninice. **2** As crianças em geral. **3** Primeiro período da existência de uma sociedade ou de uma instituição. **4** O começo da existência de alguma coisa.

Na atualidade, observamos nas crianças características específicas, como, a sua existência enquanto ser humano, sua maneira de pensar e agir que as diferem essencialmente de um adulto. Pois, com o passar dos séculos, as crianças foram conquistando seu espaço dentro da sociedade, atualmente elas tem leis, como, o Estatuto da Criança e Adolescente, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Constituição Federal Brasileira de 1988 que asseguram seus direitos e deveres, mas isso não significa que tenham esses direitos

² O Renascimento ou Renascença foi um movimento artístico que ficou marcado pela sua inovação da arte. Sua atuação foi forte entre os séculos XIV e XVI, principalmente na Itália. Disponível em <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2011/12/23/900926/e-renascimento.html>> Acesso dia 06 Julho 2016.

assegurados e preservados, entretanto, em relação à criança e a infância muito avançamos se retomarmos a história esse progresso é visível.

Phillipe Ariès em seu livro “História Social da Criança e da Família” aborda como as crianças eram retratadas na idade média, pontuando que eram vistas como “adultos em miniatura” (ARIÈS, 1981).

De acordo com Ariès (1981) a ideia de infância foi uma grande mudança social e histórica, pois ela surge em meados do século XIII e até os dias atuais se transforma, mediante os avanços nas esferas sociais, econômicas, políticas e culturais de um país.

Ariès (1981) relata que não era dada atenção às idades das crianças, elas não eram consideradas em suas subjetividades e não se respeitava o desenvolvimento delas. Sendo assim, elas não eram poupadas de esforços diários, trabalhavam, se vestiam e se comportavam como adultos, na Idade Média, na Europa e outros países não se distinguia as fases de desenvolvimento infantil que consideramos hoje para diferenciar a infância, a adolescência e a fase adulta, eram todos tratados da mesma forma.

O sentimento da infância beneficiou primeiro meninos, enquanto as meninas persistiram mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos [...] (ARIÈS, p. 41, 1981)

Conforme Ariès (1980) descreve em sua obra, as mudanças que ocorrem em relação ao sentimento da infância foram acontecendo gradativamente e até os dias atuais ocorrem mudanças quanto à infância, o autor aponta que, a ideia de infância aconteceu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, tendo em vista que mudavam a forma como a criança é inserida e a função social da mesma em sua comunidade.

A infância pode ser analisada como uma etapa do desenvolvimento humano em que nela se constrói, forma e estabelece parte do conhecimento do mundo ao nosso redor. Silva (2008, p. 41) esclarece que,

[...] quando nos referimos a infância, somos levados a pensá-la em sua relação cronológica, como uma etapa do desenvolvimento do ser humano, ou ainda, como uma viagem ao interior de nós mesmos, onde encontramos lembranças de um tempo que se foi e não volta mais.

Kramer (2007, p. 15) pontua que, “a ideia de infância surgiu no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil, graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais”.

É notável que, a começar pelo nascimento e por meio das experiências e relações com o outro e o meio a criança começa a construir seu próprio conhecimento. E essa construção/desenvolvimento marca as etapas da sua infância, e cada etapa e cada criança terá seu próprio desenvolvimento sendo cada uma peculiar à outra.

Sendo assim, a família e os professores precisam estar atentos e estimular seus filhos e alunos para que eles avancem em seu desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e psicológico e ajuda-las a terem acesso a cultura letrada e usufruam criticamente do conhecimento produzido e acumulado historicamente pela humanidade.

Essa inserção e interação da criança com o professor inicialmente acontece quando são apenas bebês, por meio dos Centros de Educação Infantil (CEINF) que atendem crianças de 0 a 5 anos de idade³, porém se torna obrigatório apenas a partir dos 4 anos de idade, mas é nesse meio que a criança passa maior parte do seu tempo, podendo permanecer nesse espaço durante o período parcial de 4 horas ou integral de 8 horas, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), apesar de nem todas crianças terem acesso ou frequentarem os CEINF's.

Sendo assim, é nesse espaço que muitas crianças começam a andar, falar, perguntar, querer saber sobre coisas, e passam a conquistar conhecimentos sobre as experiências vividas, experienciadas e vivenciadas na pré-escola, em casa e na sociedade como um todo. E é por conta desse convívio, proximidade com as crianças, que os professores podem se inspirar e ter esperança de um mundo melhor, o desejo de um futuro promissor, para que as crianças cresçam e se desenvolvam cada vez mais, assegurando a garantia de realização dos seus direitos, então previstos na Constituição Federal de 1988, Artigo 205, que pontua:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Desta forma, mesmo com todos os avanços que a sociedade pós-moderna conquistou no que tange a infância, pode-se perceber que as crianças têm perdido muito tempo na frente das mídias em geral, há alguns anos as crianças não tinham tanto acesso a mídias, não saiam de casa sem os pais, não assistiam televisão o dia todo até tarde da noite, não tinham acesso a programas inadequados à sua idade, acesso livre a internet. E sendo assim, para chamar mais a atenção das crianças as mídias, principalmente a televisão, ao se referir a isto, Postman

³ De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 9.394/96, artigo 4º, inciso II que dispõe educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;

(1999, p. 93) afirma que, “o ponto essencial é que a TV apresenta informação, e isto significa que a televisão não precisa fazer distinção entre as categorias “criança” e “adulto”.

A infância já não é mais a mesma, muitas crianças já não brincam mais como antigamente, não sabem brincadeiras antigas, como construir seus próprios brinquedos, desde muito novas começam a ter responsabilidades chegando a ser comparadas com os adultos, com atividades e horários a serem cumpridos, como aulas de natação, karatê, balé, computação, entre várias outras atividades que limitam o dia a dia delas. Apesar disso, Narodowski (1998, p. 174) afirma que,

Um é o pólo da infância hiper-realizada, da infância da realidade virtual. Trata-se das crianças que realizam sua infância com a Internet, os computadores, os sessenta e cinco canais da TV a cabo, os videogames e o que há tempo deixaram de ocupar o lugar do não-saber. [...] O outro ponto de fuga é constituído pelo pólo que está conformado pela infância des-realizada. É a infância que é independente, que é autônoma, porque vive na rua, porque trabalha desde muito cedo. [...] É a infância não da realidade virtual, mas da realidade real.

É o que Neil Postman (1999) pontua em seu livro “O Desaparecimento da Infância”, as crianças estão tendo sua infância roubada como nas civilizações mais antigas, por se vestirem como adultos, por não terem tempo para o brincar, por não poderem sair de dentro das casas, apartamentos, por terem que fazer o que a cultura de massa e a indústria cultural dita aos pais e a elas como devam se vestir, comer, falar, andar, se comportar e etc.

Na maioria das situações essa “agenda cheia” das crianças se dá pelo fato dos pais terem que trabalhar durante uma jornada longa e exaustiva, nesse cenário, acabam por superlotar os alunos com várias atividades durante o dia e às vezes até a noite, pois não tem tempo para cuidar de seus filhos, tentam suprir essa falta, com atividades e mimos e nesse processo acabam deixando de lado a responsabilidade na educação e cuidado dos seus filhos.

Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa. (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 24)

Demonstrando assim que a relação afetiva dentro da família é de muita importância para a formação das crianças. Mas, com tantas atividades, mídia influenciando o desenvolvimento muito cedo das crianças, como mostrando a elas como devem se vestir, quais os brinquedos são os mais legais e divertidos, as crianças acabam sendo afastadas do lúdico, do brincar livremente, como no passado. Desta feita, os professores precisam resgatar essas atividades, brincadeiras antigas, por serem lúdicas, prazerosas, como brincar de casinha,

carrinho, amarelinha, pular corda, bolinha de gude, entre várias outras brincadeiras antigas e brinquedos feitos manualmente.

Quando referimos à infância, outro fator imprescindível para a formação e desenvolvimento da criança é o lúdico, pois ensinar de maneira lúdica pode oportunizar muitos benefícios para a criança. Os jogos e brincadeiras sejam em casa ou no espaço escolar, organizados em um espaço prazeroso, encantador e curioso, proporcionando um aprendizado cheio de significado, Brougère (2002, p. 20) enfatiza que o “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem”.

A despeito disso, Dantas (2002, p. 111) afirma que, “o termo “lúdico” abrange os dois: a atividade individual e livre e a coletiva e regrada.” O momento do lúdico é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, sendo assim o professor deve fazer uso dessa atividade/momento um instrumento para tornar os momentos de ensino-aprendizagem prazerosos e significativos para a formação da criança, porém também há de se deixar que a criança brinque livremente, pois nesse momento ela também está adquirindo conhecimento, o brincar de forma nenhuma é tempo perdido.

Além disso, a infância é o período em que as crianças mais brincam, e são por meio das brincadeiras que elas expressam seus sentimentos, vontades e conhecimento. É inegável que lúdico é umas das maneiras mais eficazes de cativar os alunos para as atividades da escola, tendo em vista de que a brincadeira é característico da criança. Dantas (2002, p. 113) afirma que “toda a atividade da criança é lúdica, no sentido de que se exerce por si mesma.”

Vygotsky (1996) dá muita importância ao momento da brincadeira enquanto formação do pensamento da criança, pois para o autor é brincando que a criança desenvolve suas capacidades motoras, auditivas, cognitivas, aprendizagem, a se relacionar com o outro, etc. Vygostsky (1996, p. 97) sustenta que a brincadeira forma nas crianças a,

[...] a zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.⁴

Pode-se afirmar que, em razão dos momentos lúdicos, a criança reproduz situações vivenciadas no seu dia a dia, e que por meio da brincadeira são recriadas de acordo com suas

⁴ Grifo do autor.

regras/entendimentos que acontece por meio de práticas anteriores, proporcionando interpretações e entendimentos do mundo em que a cerca.

Por outro lado, hoje em dia, a melhor infância para as crianças é aquela que permite a eles terem acesso aos computadores, tablets, videogames, televisão, passam até mais de 8 horas na frente dessas mídias, isso não é errado, essas mídias fazem parte da vida social, cultural das crianças, mas devemos estar atentos enquanto sociedade (pais, professores, etc), para sabermos mediar o acesso das crianças a essas tecnologias e propiciar a elas, o contato com práticas pedagógicas diferenciadas.

Para algumas crianças, a escola é um empecilho no que se diz a respeito a “aproveitar a infância”, talvez por não serem incentivadas, estimuladas por metodologias que despertem nelas o interesse pela escola, sendo este um ambiente de aprendizagem que pode favorecer sua formação e seu desenvolvimento em todos os aspectos, seja físico, afetivo, cognitivo e social.

Rousseau (1995) foi um importante pesquisador, cooperou para o estímulo de atividades lúdicas na educação, para o autor as atividades lúdicas devem ser estimuladas no ambiente escolar, pois assim se incentiva o desenvolvimento, dando a entender que eles podem ter liberdade de se expressar e se utilizar da experiência adquirida como um incentivo a mais no processo de ensino-aprendizagem.

É necessário que pais e professores, portanto, proponham, oportunizem momentos/atividades, brincadeiras, brinquedos, seja no espaço escolar quanto em casa, que façam com que as crianças usem a imaginação, criatividade para o desenvolvimento em todos os aspectos. Para tanto, é necessário que compreendam as diversas conjunturas no qual as crianças estão inseridas, de acordo com o autor Batista (2009, p. 20),

A necessidade de compreender as crianças exige caracterizá-la concreta e historicamente. Para isso, é preciso desvendar as relações entre os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais, das quais emerge o conceito de criança. A idéia de que existe uma criança única, abstrata, desvinculada da realidade e da dinâmica da sociedade não pode ser sustentada.

No ano de 2004, foi instituído que o Ensino Fundamental seria de 9 anos, ou seja, seria iniciado por alunos de 6 anos, cursando do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, mas a alfabetização e o letramento deve ser iniciado na Educação Infantil, conforme esclarece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96, artigo 29,

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Sendo assim, a escola tem um papel fundamental na realização desta lei, pois é um dos acessos que a criança terão à leitura, linguagem e escrita, perante isto os educadores tem um grande desafio, para que possam criar/construir maneiras lúdicas para desenvolver esse processo de ensino-aprendizagem para que esse momento se torne prazeroso nesta etapa da educação infantil, cooperando para uma educação integral para que a possa desenvolver em suas variadas dimensões, sabendo que é a alfabetização ocorre de forma processual.

A alfabetização por muito tempo foi vista apenas para decifrar códigos/símbolos escritos e por conta disto, pensava que alfabetizar na educação infantil seria apenas de forma mecânica, que para essa etapa da educação básica não favoreceria a ludicidade e a socialização, acarretando problemas aos alunos nas próximas etapas da educação. Sônia Kramer (2007) esclarece que as crianças precisam ter acesso ao brincar, ao lúdico de forma que desenvolvam sua inteligência, nesse sentido, o letramento e a alfabetização é um processo que deve começar antes mesmo da criança adentrar a escola e perpassar todos os níveis da educação.

Sendo assim, não há como garantir a idade certa para a alfabetização, pois ocorre de forma processual, cada avanço da criança é uma etapa vencida nesse processo, alfabetizar vai muito além do que decifrar códigos, é compreender o mundo, o sentido das coisas, da vida. Pois, como salienta Vygotsky (1896-1934), somos sujeitos históricos e culturais e não passivos a aprendizagem. Somos frutos de um processo histórico e assim construídos política, econômica, social e culturalmente.

É interessante destacarmos sobre a alfabetização e letramento na educação infantil, que conforme o RCNEI (1998, p. 151) afirma “diz-se que um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças têm a oportunidade de participar”. Percebe-se que tão importante quanto o lúdico, é o ambiente o qual a criança será inserida no espaço escolar para iniciar o processo de alfabetização e letramento.

Nesse sentido, alfabetização e letramento é definido por Magda Soares (2003, p. 92) como “processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis”.

Ou seja, a concepção de alfabetização separado do letramento se restringe a somente decodificar palavras, uma vez que é por meio do letramento que o aluno pode mudar o estilo mecanizado e decorativo para um aprendizado de decodificação de códigos escritos compreendendo o seu uso e sentido. E na educação infantil, a criança pode ter acesso ao letramento e a alfabetização de forma lúdica, criativa e crítica, basta o professor se valer de metodologias que alcancem seu alunado. O brincar não acontece apenas de forma livre e com brinquedos, há muitas formas de aprender brincando. É possível aprender ler e compreender o mundo brincando.

Em relação ao letramento, a autora Magda Soares (1999, p. 18) salienta que é o resultado do ato de ensinar ou de aprender a ler e escrever, sendo o estado ou condição adquirida por um determinado grupo de pessoas ou indivíduos como resultado por ter-se apropriado da escrita. Portanto, podemos concluir que a alfabetização e o letramento devem ser inseridos no sujeito mutuamente.

E na educação infantil o professor deve criar estratégias de acordo com a faixa etária e as peculiaridades para que dê condições as crianças para terem contato com a escrita e a leitura, perante isto, a escrita não deve ser ensinada apenas para aprenderem a ter coordenação motora ou para aprenderem a copiar o nome próprio e a primeira letra de forma mecanizada e aprender por aprender sem saber compreender o porquê daquilo.

É na educação infantil que há espaço e momentos propícios para o letramento e a alfabetização, por meio de leituras de literatura infantil, conto da história, a roda de conversa sobre a interpretação daquela leitura, vão se criando vínculos do aluno com a leitura, e apesar deles não saberem ler e escrever ainda, as crianças manifestam esse ato por outros meios, lendo com os ouvidos e escrevendo com a boca é tão importante quanto a leitura e escrita de fato.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, p. 117) discorre,

A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

Percebe-se que antes mesmo do aluno aprender a ler e escrever, ele se apropria de conhecimentos sobre isto na vida rotineira, que advém do convívio da criança com a sociedade, e quando o mesmo é inserido na educação infantil traz consigo uma bagagem de

conhecimentos do mundo letrado apesar de ainda não saber codificar ou decodificar as palavras. Esta bagagem é muito importante no processo de alfabetização e letramento, pois faz parte do processo de aprendizagem que na verdade não começa quando a criança é inserida na escola e sim antes por meio das práticas sociais a qual já convive.

Contudo, a alfabetização e o letramento são dois processos diferentes, mas que devem ser implantados juntos para que o aluno venha ser uma pessoa plenamente letrada. Não é só importante que aprendam a decodificar as palavras, mas aprender também para que servem e como poderá usá-la no cotidiano. E na educação infantil etapa tão importante quanto as outras etapas da educação, deve-se trabalhar de forma prazerosa, pois é um espaço rico em aprendizagem. O livro, a leitura nesse aspecto são ótimas fontes de aprendizagem, conhecimento e devem ser levadas as crianças de modo que as conquiste. E a contação de história é um recurso que favorece o interesse das crianças pela leitura de literatura infantil.

2. LITERATURA INFANTIL: um mundo de sonhos, imaginação e aprendizagem

Diante do que foi apresentado no item anterior faz-se necessário relatar brevemente como era literatura infantil e destacar a importância dos livros infantis no incentivo do gosto pela literatura/leitura e a influência acerca desse conceito na formação e desenvolvimento da criança e sua maneira de ver o mundo que o rodeia.

A literatura infantil é tida como recente na história brasileira, bem como a história da infância, na verdade as duas têm sua disseminação no Brasil, basicamente na mesma época, impulsionadas pelos mesmos processos - a ascensão da sociedade moderna, os novos ideais de escola e a expansão da indústria cultural - modificam e aceleram a produção e difusão dos livros infantis e remodelam a visão de infância e criança, que começam a ser o alvo da indústria em âmbito geral (roupas, calçados, livros, brinquedos, comidas, etc), tudo é produzindo e comercializado, tendo como alvo elas.

O sistema capitalista de produção, vislumbra na criança um forte poder de venda, uma vez que a infância é remodelada, ou seja, o sentimento que antes não existia pelas crianças, na sociedade moderna, é deturpado e há um crescente sentimento de “paparicação” (POSTMAN, 1999). Assim, na antiguidade não havia livros para elas, era tudo para os adultos. Conforme enfatiza Zilberman (1998, p. 13) “os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia “infância”.

Embora não existisse uma ideia clara do mundo infantil, alguns autores já iniciavam a inserção da literatura infantil na educação das crianças, um destes é Perrault⁵, que buscava transmitir em seus livros valores morais, também há uma mudança nas histórias de literatura que sofrem adaptações, reedições para se adequarem às crianças.

Durante este período entre século XVIII e XIX, houve a expansão da indústria no Brasil, que consigo eleva a família burguesa e surge esse sentimento de infância, separando os tratamentos dados as crianças e adultos, e com isso passa a existir a necessidade de uma formação específica para as crianças, com o objetivo de formar a criança para a vida adulta e para conviver na sociedade burguesa. No entanto, apesar de mudarem a escola e a literatura

⁵ Charles Perrault (1628-1703) foi um importante escritor francês, autor de grande número de contos infantis, entre eles, A Bela Adormecida, O Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho e o Pequeno Polegar. O livro, publicado em 11 de janeiro de 1697, quando ele estava com quase 70 anos, ficou conhecido como Histórias da Mamãe Gansa e foi um sucesso. As histórias eram bem contadas e traziam ensinamentos no final, a famosa moral da história, em forma de poesia. Os contos de fada ficaram famosos a partir daí. O cuidado e o carinho de Perrault com essas histórias era tão grande que ele ficou conhecido como pai da literatura infantil. Disponível em: <<http://www.pennagov.net/professores/ensg/Charlest.htm>> Acesso dia 06 Julho de 2016

infantil, ainda assim, ensinava-se com referência nos adultos, como o modo de agir e de se comportar, pois ainda não estava inserido o lúdico, imaginário e a fantasia, das histórias de literatura infantil, como pontua Zilberman (1998),

[...] os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. (ZILBERMAN. 1998, p. 13)

A mesma autora ainda pondera:

Enquanto isso, como a criança verdadeira era ilhada, porque tornada alheia aos meios de produção, e comprimida pelos mais velhos, que assim asseguravam seu prestígio e dominação, foi elaborada uma série de atributos, os quais revestiram a qualificação dos pequenos e reproduziram ideologicamente sua diminuição social: a menoridade, a fragilidade física e moral, a imaturidade intelectual e afetiva. (ZILBERMAN. 1998, p. 17)

Zilberman (1998, p. 15) aborda que a valorização da infância fez com que a família se tornasse mais unida, com o intuito de resguardar a integridade de seus membros, para que atingisse a vida adulta de “maneira saudável”. Para tanto, seria necessário a escola modificar seus ensinamentos e, por meio, da literatura infantil ter um certo controle do desenvolvimento da criança e manejar suas emoções.

Essa escola tem o ensino voltado para enquadrar as crianças no comportamento da sociedade, impondo regras, condutas que favorecessem a criança se tornar um adulto promissor, limitado aos ideais daquela época que era difundido pela indústria, um futuro trabalhador, por isso a literatura infantil tinha a finalidade de se moldar a criança conforme os valores sociais daquele tempo. Zilberman (1998, p. 21) pontua,

O problema pode se agravar quando o livro é introduzido na escola. Porque, neste caso, as forças se conjugam no projeto de doutrinar os meninos ou então seduzi-los para a imagem que a sociedade quer que assumam – a de seres enfraquecidos e dependentes, cuja alternativa encontra-se na adoção dos valores vigentes, todos solidários ao adulto. Isto é, a saída acaba sendo o reforço da dependência porque aceitar as normas impostas significa corroborar o modelo dentro do qual a criança é manipulada.

Assim, fica subentendido que a literatura infantil foi induzida pela classe dominante para compartilhar com seus ideais burgueses, coagindo a criança a reproduzir o que os adultos queriam que ela se tornasse. E com isso, as verdadeiras necessidades da infância com a

literatura infantil que seria a imaginação, fantasia e toda a aprendizagem lúdica por meio dela ficaram por um longo período ignoradas, vista como sem importância.

Sendo assim, a escola se transformou em um dos meios mais bem sucedidos da educação burguesa, recusando ao aluno o seu direito de livre expressão e obrigando-os a compreender, de forma contraditória, ensinavam apenas a verdade que os burgueses queriam impor na educação. Zilberman (1998, p. 26) ressalta sobre a interferência dos adultos no ensinamento das crianças, que objetivava a manipulação pela burguesia,

Concebida originalmente como objetivo exclusivo das crianças, passou a receber um *status* científico, no momento em que se percebeu que não era apenas produzida pelos adultos, mas, como se viu, manipulada por eles, tendo em vista a dominação da infância.

Lajolo e Zilberman (2010, p. 17) reiteram que, “[...] a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos [...]”.

Como já dito, os primeiros livros surgiram na Europa e os autores mais famosos eram Hans Christian Andersen⁶, Irmãos Grimm⁷, Perrault, entre muitos outros, destes autores suas histórias sofreram adaptação para o público infantil introduzindo nelas contos folclóricos e de fadas, muitas até com a função formativa e informativa.

No Brasil, a literatura infantil surge em meados do século XX, apesar antes deste “surgimento” já ter algumas obras destinadas às crianças, e Monteiro Lobato⁸ é um dos

⁶ Hans Christian Andersen nasceu em 2 de abril de 1805, na cidade de Odense, ilha de Fiônia, na Dinamarca. Trabalhou como ator, dançarino e cantor. com 30 anos de idade, escreveu seu primeiro conto de fadas: Eventyr Fortalte for Born (contos infantis). Até 1872 produziu cerca de 150 contos e histórias, convertendo-se no nome mais popular da literatura para crianças na Europa. Seus contos tiveram como raiz a tradição oral, popular e a vida real. Algumas Obras: O Patinho Feio, A Roupa Nova do Imperador, O Soldadinho de Chumbo, A Rainha da Neve, A Pequena Sereia. Hans Christian Andersen faleceu em 6 de agosto de 1875, em Copenhagen. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/hanschristianandersen/index.php?p=150> Acesso dia 06 Julho 2016.

⁷ Nascidos em Hanau, Jacob Grimm em 1785 e Wilhelm Grimm em 1786, os irmãos Grimm reconhecidos no mundo inteiro pela qualidade dos contos que produziram desde o começo do século XIX, os irmãos Grimm afirmavam que estavam apenas escrevendo, durante à noite, as histórias que escutavam de camponeses, amigos e parentes durante o dia. Os contos dos irmãos Grimm são enquadrados no gênero fantástico por apresentarem personagens e cenários imaginários. Algumas obras: A Gata Borralheira, Branca de Neve, Rapunzel, entre tantas outras.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/irmaos-grimm/>> Acesso dia 06 Julho 2016.

⁸ Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Pica-pau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso país e de toda América Latina. Metade de suas obras é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna.

Disponível em: <http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/> Acesso dia 11 Julho 2016.

maiores responsáveis pelas mudanças da literatura infantil, que de um “manual da vida burguesa” se transforma em obras realmente dedicadas e feitas para o público infantil, possibilitando a elas, por meio das histórias um universo cheio de magia, imaginação e fantasia.

Com o passar do tempo os livros infantis deixaram de ter somente um caráter instrutivo, utilitário e moralista e passaram a conquistar um objetivo lúdico. De acordo, com Lajolo e Zilberman (2010, p. 67) “a literatura infantil brasileira, elaborando ficcionalmente seus modelos narrativos e heróis, funda um universo imaginário peculiar [...]”.

Atualmente, poucas crianças têm o hábito da leitura, pois a maior parte delas tem seu primeiro contato com o livro/literatura infantil quando vão à escola. E o livro para estimular o interesse das crianças além da aprovação dela, precisa abranger todas as expectativas desde incitar a imaginação, provocar curiosidade, fantasiar, entreter e além de tudo educar e formar esse indivíduo.

A literatura infantil exerce a função de divertir, recrear e fundamentalmente formar e desenvolver as crianças para que possam compreender e aprender sobre o mundo em que vivem por meio das experiências proporcionadas pelas leituras. O incentivo à leitura principalmente durante a infância deve ser estimulada de forma prazerosa, na escola o livro deve ser utilizado todos os dias durante as rotinas e assim vai adaptando a criança com o livro e com o gosto pela leitura. Zilberman (1998, p. 22) afirma que,

[...] embora compartilhem uma função, literatura e escola não se identificam, se bem que aquela tenha sido o pretexto para justificar o uso da obra de arte ficcional em sala de aula com intuito unicamente pedagógico; porém, aproxima os dois setores.

Sendo assim, embora as funções da literatura infantil dentro e fora da escola sejam diferentes, as duas maneiras fazem com que se aproximem o leitor do livro, um está subordinado ao outro para a formação social e o gosto da leitura na criança.

As histórias de literatura infantil muitas vezes já são inseridas na vida das crianças desde muito antes de nascerem, por meio dos pais que contam histórias para os filhos, sejam para acalmá-los, fazer dormir, etc. E quando essa rotina de leitura já está estabelecida no cotidiano na casa das crianças o amor pela literatura não se torna uma obrigação.

Abramovich (1997, p. 24) assegura que,

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais,

poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos, apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa).

Nessa perspectiva, é essencial para o desenvolvimento da criança além de ter contato com a literatura infantil desde bebê é ter também contato físico com o livro.

A vida da criança é permeada de experiências em que elas adquirem conhecimento e aprendizagem, quando elas chegam à escola trazem com elas inúmeros conhecimentos acumulados que se dão por meio de jogos, conversas, brinquedos, brincadeiras, histórias e que são fundamentais no processo de ensino/aprendizagem.

Segundo Abramovich (1997, p. 23) não se deve parar de ler histórias para as crianças que já sabem ler, pois apesar de já saber ler, ainda é um prazer enorme pra elas que haja alguém que leia histórias. A autora ainda completa, “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo.” Pois, em um universo tão tecnológico como o de hoje em dia, muitas informações vem prontas sem que a criança tenha a necessidade de pensar sobre, o mundo de hoje pede cada vez mais indivíduos preparados para o futuro, que sejam críticos, criativos, aptos a compreender e mudar sua própria realidade.

O contato da criança com livro é fundamental para que se forme o gosto pela literatura infantil, a criança deve manusear o livro, folhear, deixar que ela mesma faça sua leitura, fantasie, imagine e aprenda por meio dos desenhos e escritas.

Portanto, a literatura infantil é importante para o desenvolvimento da criança desde bebês e ainda mais quando se inicia a entrada na educação infantil, mas para formar o hábito e o gosto pela leitura, é necessário que a literatura infantil esteja inserida na rotina cotidiana da criança/aluno. Sendo importante criar ambientes e momentos aconchegantes para as leituras, quando a criança tem contato com a escrita desde cedo ela passa a desenvolver ainda mais a atenção, memória, imaginação e concentração além de se apropriar do conhecimento de novos vocabulários, sentimentos e emoções possibilitadas pelo livro.

Nesse sentido, todos esses elementos são essenciais no incentivo de desenvolver e formar um bom leitor, crítico perante a sociedade e por meio das mais diversas leituras abranger seu conhecimento.

Zilberman (1998, p. 70) enfatiza os caminhos seguidos pela literatura infantil,

Como a literatura infantil é uma modalidade de expressão que não conhece limites definidos, torna-se bastante difícil estabelecer suas principais linhas de ação. Ela

pode englobar histórias veristas ou fantásticas, miscigenar gente e animais antropomorfizados, simbolizar ou simplificar situações humanas existenciais, misturando até todas estas possibilidades num único texto. Deste modo, incorre-se sempre o que é distinto. Mesmo assim, pode-se identificar algumas orientações comuns na produção literária nacional dirigida às crianças.

Porém, talvez não chegue a um consenso ideal e determinante para o que seja ou deveria ser a literatura infantil, como observamos os conceitos se modificam no tempo e espaço em que são produzidos e reproduzidos. Seja na esfera da infância ou da literatura infantil. Da mesma forma, a literatura infantil e a contação histórias estão interligados e são indispensável na formação, no cotidiano escolar e familiar da criança, pois é por meio dela que o professor pode despertar no aluno o prazer pelo momento da história, e a criança vai desenvolvendo a interação e relação com o outro/grupo, compartilha de sentimentos transmitidos pela história, por estas e tantas outras oportunidades que a literatura e a contação de história proporciona faz com que ela seja um ótimo instrumento para a prática pedagógica.

3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO UM INSTRUMENTO PARA PRÁTICA EDUCATIVA

Este capítulo pretende-se compreender como a contação de história pode influenciar na prática educacional e para o desenvolvimento da criança/aluno, e a importância de contar histórias na educação infantil como um instrumento de poder para o conhecimento, valores e criticidade.

Antigamente o ato de contar histórias era visto diferente de contar histórias escritas, as contações eram feitas com grupos de pessoas reunidas, podia até ser ao redor de uma fogueira e ali contavam oralmente lendas e contos difundindo por meio das contações seus costumes e cultura. Era muito comum as pessoas se reunir pra ouvir e contar histórias de maneira muito simples, os contos também eram geralmente histórias imaginárias, lendas populares passadas de família, fatos reais ou inventados e nesse meio tinham adultos e crianças.

Hoje em dia, a contação de histórias é um dos meios de desenvolver de forma significativa a prática como professor, principalmente na educação infantil que é na maioria das vezes onde se inicia o hábito da leitura.

Quando um aluno/criança ouve ou lê uma história, ela se torna totalmente capaz questionar, opinar, discutir, enfim interagir verbalmente com a própria história e o leitor, e essa interação com o livro é fundamental para a construção das idéias e seu caráter social e coletivo. O ato de contar e ouvir história é tão prazeroso que estimula o interesse nas mais diversas idades, se adultos gostam de ouvir, ler histórias, viajar no mundo literário, imagina a criança que tem a capacidade de imaginar, fantasiar mais aguçada. Pois é, uma atividade em que os alunos interagem também favorece no desenvolvimento da linguagem infantil, como a autora Abramovich (1997, p. 16) afirma,

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

Quando é introduzido na vida escolar das crianças o lúdico, seja em brincadeiras, jogos, contação de histórias no processo de ensino/aprendizagem faz com que as crianças desenvolvam as mais diversas habilidades, eles se sentem estimulados a aprender e, sem que eles se dêem conta durante esses processos eles estão construindo seu próprio conhecimento sobre si e o mundo.

Durante as contações, as crianças vivem um momento único delas que se difunde entre o encanto e a diversão que as próprias histórias criam e nesses momentos ocorrem diversos

tipos de aprendizagem, inclusive o processo de alfabetização e letramento da criança/aluno. O Referencial Curricular da Educação Infantil – Volume 3 (BRASIL, 1998, p. 145) é sucinto quanto às possibilidades de ensino/aprendizagem; “A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários.”

Há uma falsa ideia de que se tem a prática da contação/leitura de histórias e a literatura inserida no currículo escolar, os alunos poderão se apropriar da leitura facilmente, isso é grande engano, a autora Abramovich (1997) nos confirma que a leitura deve se estabelecer de forma prazerosa e não obrigatória.

[...] A literatura infanto-juvenil foi incorporada à escola e, assim, imagina-se – por decreto – todas as crianças passarão a ler... Até que poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mais sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento... (ABRAMOVICH, 1997, p. 140)

A introdução da literatura desde a mais tenra idade seja com livros de desenhos ou não, a maneira como a leitura é feita já pode ser de grande ajuda no incentivo da formação do gosto pela literatura e a didática usada para contar as histórias principalmente na educação infantil é uma ótima fonte de motivação.

E assim, podemos notar que esses momentos cheios de encantamentos e lúdicos faz com que o processo de aprendizagem se torne mais estimulante, participativo, cativante, pois o professor está lidando com a particularidade de cada aluno oportunizando atividades educativas cheias de significados e envolvimento. Não somente a literatura infantil é um importante meio de aprendizagem e formação como também os contos de fadas, o conceito da literatura/contos é divertir, ensinar e educa os alunos, entretanto o prazer pela leitura deve estar acima destas coisas anteriormente ditas. Abramovich (1997, p. 120, 121) nos confirma,

[...] Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta para sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...).

E,

Os contos de fadas são tão ricos que têm sido fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse...

E assim, aproveitando o momento dos contos e da contação de histórias e desenvolver no aluno a criticidade que pode ser provocada pelo próprio professor com questionamentos e explorando as escolhas do enredo da história, as atitudes dos personagens.

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... (ABRAMOVICH, 1997, p. 143)

Apesar de toda magia e divertimento que os livros de literatura e contos de fadas proporciona, hoje em dia diante as tecnologias ofertadas quase não se vê mais crianças com livros, pois há os vídeos das histórias que vem com efeitos sonoros, voz marcante do narrador que também mexe com o imaginário das crianças, fazendo elas viajarem no mundo da fantasia. Inclusive, pode-se usar tais elementos como a tecnologia, por exemplo, para contribuir na prática de contação, bem como, a utilização de materiais como aventais, fantasias, fantoches, a mudança na entonação da voz, etc., e quando as leituras são bem apresentadas durante as práticas pedagógicas e com a mediação do professor as histórias se resultam em conhecimento de forma atrativa.

A escolha da história é um momento particular entre o aluno e o livro, e é sempre notório que as histórias mais buscadas são as que possuem um narrador no texto e, fica claro que esta imagem que o contador de histórias passa ainda é o meio de ligação entre a história e o ouvinte, seja por meio dos livros ou nos computadores, tabletes ou celular. A relação de leitura e contação de histórias deve ser encarada pela criança como um relacionamento afetivo, e este sentimento é totalmente perceptível quando na expressão da criança manifesta atenção, curiosidade sobre o tema e os personagens e, também quando não só uma história lhe satisfaz quer sempre mais.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 135) descreve,

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita. A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que haja um local especial para livros, gibis,

revistas etc. que seja aconchegante e no qual as crianças possam manipulá-los e “lê-los” seja em momentos organizados ou espontaneamente. Deixar as crianças levarem um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças, desde muito pequenas, podem construir uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura.

O momento de ouvir histórias tem um cunho formador seja de valores, crítico, humano, conhecimento de mundo. Pois, durante a troca de interação que a história desperta nas crianças, permite que elas pratiquem a capacidade delas mesmas resolver seus conflitos diários e mais do que isso essa prática desenvolve a escrita, o pensar, o desenhar, a vontade de pegar mais livros e também de ouvir de novo e novo a história. A literatura infantil, contos é uma forma significativa que a sociedade buscou para relatar/demonstrar algumas experiências que nas histórias são bem reais, mas que em nosso “mundo real” não é assim que acontece e, isso chama cada vez mais a atenção das crianças.

A contação de histórias faz parte do campo educação, por ser uma atividade extremamente comunicativa, seja de narrador para ouvinte ou de leitor com o livro e por conta dessa troca é considerada uma prática reflexiva por poder transmitir valores, costumes, lendas, culturas capazes de contribuir na formação do ser humano e o professor é o maior mediador dessa relação professor-aluno-livro fazendo com que esses conhecimentos sejam possíveis como pontua Kohl (1998, p. 33), “a mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo”.

Por isso, como já dito no capítulo anterior, é importante que o professor pense no momento, no ambiente em que vai contar a história, pois são espaços propícios ao encantamento, surpresas, emoções, e a história e os personagens dentro dela ganham vida aos alunos dos alunos e pela boca do contador, devem tocar a alma, o coração de quem ouve ou lê. Mas, quando essa prática não é colocada em ação é perceptível o desinteresse dos alunos, principalmente na idade da educação infantil em que tudo pra eles é mágico, pois a contação de história está vinculada ao imaginário das crianças e isso influencia na formação pelo gosto e hábito da leitura.

O uso de histórias, de contar histórias na sala de aula tem incontáveis possibilidades à propiciar o processo de ensino-aprendizagem do aluno, pois além de serem divertidas, atinge outros objetivos como socializar, ensinar e estimula a inteligência, como afirma a autora Martins (2004, p. 34)

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, idéias, situações reais ou imaginárias.

Contudo, usar a contação de histórias em sala de aula é um estímulo em que ambas as partes ganham, o aluno que será provocado a pensar, imaginar, criar e recriar, e o professor por ganhar admiradores, seguidores, dar aulas mais prazerosas e produtivas e atingindo assim o seu objetivo que é que, a aula produzida tenha a aprendizagem esperada obtida. Kohl (1998, p. 62) assegura que, “a intervenção de outras pessoas – que no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo”. Ou melhor, quando se lê uma história possibilitamos ao aluno uma gama infinita de conhecimento, descobertas e percepção do mundo que o cerca. Contar histórias é mais do que ler por si só, é se apaixonar, envolver, cumplicidade, sabedoria, é uma relação afetiva com a história e a leitura, e com o auxílio do lúdico nesses momentos são essenciais para o incentivo à formar o gosto pela leitura e alunos leitores.

3.1. Relato de Experiência: vivências iniciais com a contação de história na educação infantil

Este subitem objetiva relatar as minhas experiências e vivência como professora de educação infantil, enfatizando o momento da contação de história na sala de aula.

Sou professora desde 2015, iniciei na educação infantil em uma sala de Jardim III, na Escola Municipal “Profª Liduvina Motta Camargo”, onde dou aula até os dias atuais. Durante essa experiência pude perceber o quanto as crianças gostavam de ter contato com o livro e leituras, era um momento mágico para elas, em que elas ficavam atenciosas à leitura, faziam questionamentos e sempre faziam a releitura das histórias, cada aluno a seu modo.

A realidade escolar que ainda vivencio é de crianças carentes, que na maioria das vezes pai, mãe, avós, etc., estão trabalhando para o sustento da casa e outros casos estão presos por algum crime que cometeu. E quando os questiono se a família lê para eles em casa, a resposta da maioria é que não, alguns ficam em creches até as 17:00h e quando chegam em casa, tem os deveres do lar e as crianças acabam não tendo o contato com a história e leitura

por meio dos pais. Mas, ainda há uma minoria que tem esse contato com a leitura, histórias e que notei que tem se desenvolvido melhor em questões de aprendizagem da escrita e leitura.

Para oportunizar aos alunos momentos que compreendam a arte de contar histórias como um proporcionador de aprendizagem, que seja um momento prazeroso, deleitoso, curioso e satisfatório às crianças. Utilizo em minhas aulas de contação de histórias instrumentos que irão me ajudar a motivar cada vez mais os alunos a se tornarem leitores, como o uso dos fantoches, teatro, avental de histórias, fantasias, cantinho da leitura, em algumas das vezes utilizamos massa de modelar para fazer a releitura da história, outras utilizamos elementos do texto para reproduzir aos alunos, por exemplo, receitas, personagens da história.

Nos dias de aula, pude evidenciar que mesmo os alunos que não tem tanto contato com o livro, gostam muito dele, pois sempre pedem para pegar algum livro para “ler”, a maioria dos alunos ainda estão em fase de alfabetização e eles se mostram muito interessados em literatura infantil, mesmo não sabendo ler, eles pegam os livros deitam sobre o tapete do cantinho da leitura e lê do seu jeito, interpretando as imagens e quando terminam pegam outro e outro livro, isso pra mim enquanto professora é muito significativo, pois por meio das minhas práticas estou conseguindo incentivar alunos que gostem, que tenham apreço pela leitura. Por meio da contação de história de forma lúdica, a leitura entra na vida deles não para cumprir o currículo escolar ou obrigação é feito com prazer, alegria, vibram com as histórias. Quando faço a leitura com os alunos, vejo que seus olhos brilham imaginando toda cena da história, principalmente quando faço o uso dos instrumentos anteriormente dito para a contação de história e além de demonstrarem atenção, eles querem fazer a releitura da história várias vezes e quanto mais proporcionava o encontro da contação de história e o livro, mais os alunos demonstravam interesse, queriam pegar os materiais, levar o livro pra casa para a família ler com eles.

Dessa forma, contação de história está diariamente em minhas aulas, separo um momento para a história e isso nos ajudara na formação e desenvolvimento do aluno, pois ela possibilita formar leitores críticos e apaixonados pelo mundo da leitura como da escrita, visto que um ótimo auxílio pedagógico eficaz em favorecer o ensino-aprendizagem do aluno à alfabetização e letramento, além disso é uma atividade interdisciplinar que abarca todas as disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, buscamos refletir sobre os conceitos de infância, que são construídos culturalmente, especialmente, pela necessidade de revisá-los mediante o ponto de vista teórico, bem como a literatura na educação infantil e como a prática da contação de histórias pode influenciar na formação e desenvolvimento da criança e o hábito da leitura.

Muito se tem discutido, recentemente, acerca da infância e as especificidade de cada criança sobre o conhecimento/cultura que ela produz e por meio desta a compreensão de novos meios que permite com que ocorram novos conhecimentos. E assim, aparecem novas ideias e concepções de infância, bem como a importância da infância como um período fundamental do indivíduo que deve ser valorizada, pois não é uma etapa da vida sem importância, é um momento rico em possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem.

Em consequência disso, as atividades lúdicas são fontes imprescindíveis para os progressos do desenvolvimento sócio-cultural da criança, visto que a criança seja compreendida como indivíduo ativo e pensante em meio à sociedade que vive.

Dessa forma, a literatura na educação infantil enquanto elemento imprescindível para a formação da criança deve ser constantemente estimulada e incentivada pelo professor como meio para a formação do gosto pela leitura e sendo provocada desde a mais tenra idade à leitura, a criança tem mais possibilidades de ter um bom desenvolvimento, além de se tornar um ótimo leitor, assim também a contação de histórias acarreta em estimular o senso crítico das crianças, uma vez que essa ação leva a criança a pensar, refletir, indagar, compreender o mundo em que vive e desenvolvem a alfabetização e letramento, logo se formam bons leitores e apaixonados pelo universo da literatura/leitura/histórias.

Em vista dos argumentos apresentados, compete ao professor motivar os alunos, criando espaços, situações lúdicas, conhecimentos que o beneficie em levar o aluno a sentir prazer pela leitura, a ter hábito de ler, não somente por isto, mas que também seja fonte de conhecimento, imaginação, de como se relacionar com o outro, que sejam momentos de vivências e aprendizagens. Em vista disto, posso confirmar por meio da minha experiência em contação de histórias na educação infantil a importância desta atividade, me empenho para poder estimular cada vez mais a imaginação, aprendizagem do aluno em todos os aspectos por meio do lúdico e apesar do pouco tempo de experiência pude notar resultados satisfatórios.

Portanto, a literatura infantil sendo inserida na vida da criança desde a infância pode propiciar a leitura de maneira prazerosa e não como uma obrigação para cumprir alguma atividade escolar, há de ser um momento convidativo às crianças e o professor deve fazer essa

mediação entre o aluno e o livro, promovendo leituras não de forma mecânica e sim com ludicidade, criatividade, alegria, pois, assim, pode-se criar no aluno o amor pela leitura e, logo, alfabetizar e letrar por meio desta prática de leitura.

Em suma, não há como formar bons leitores se os alunos leem somente enquanto estão na sala de aula para cumprir atividade proposta em livros didáticos tão somente porque o professor solicitou.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC, 1981.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. São Paulo: Abril, 2000.

BATISTA, Cleide Vitor Mussini. **Entre Fraldas, Mamadeiras, Risos e Choros: por uma prática educativa com bebê**. Londrina: Maxiprint: 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**. Distrito Federal. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Nº 9.394/96**. Sessão. II. Art. 29. Brasília, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. V.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 12 Dezembro 2015.

FERREIRO, Emília. **Emilia Ferreiro: a dúvida sobre a idade certa para alfabetizar**. Revista Nova Escola. Editora Abril, 2013. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/emilia-ferreiro-duvida-idade-certa-alfabetizar-744614.shtml>> Acesso 15 Fevereiro 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ORG. **O Brincar e suas Teorias**. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KOHL, Marta de Oliveira. **Vygotsky – Aprendizado e Desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

KRAMER, Sônia. **A Infância e sua Singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Rangel, Aricélia Ribeiro do Nascimento – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

KRAMER, Sônia; ORG. **Infância e Educação Infantil**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. SP: Brasiliense, 2004.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo:** Editora Melhoramentos Ltda, 2012.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância.** Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou, Da Educação.** Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares. Infância e memorização: reflexões possíveis sobre a experiência do brincar. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado; BATISTA, Cleide Vitor Mussolin; MORENO, Gilmar Lupion (Org.). **As Crianças e suas Infâncias:** o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008. p. 41-52.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e Educação. In: RIBEIRO, Vera Masagão; ORG. **Letramento no Brasil:** reflexões a partir do INAF 2001. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente.** Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 10. ed. São Paulo: Global, 1998.